



<http://dx.doi.org/10.30681/23163933v24i01352372>

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LÉXICO EM LIBRAS

THE LINGUISTIC VARIATION IN LEXICON IN LIBRAS

Maria Norma Lopes Souza Silva¹
Odete Burgeile²

Recebimento do texto: 10/04/2018

Data de aceite: 15/05/2018

RESUMO: O objetivo desse artigo é analisar algumas variantes linguísticas de um léxico da Língua Brasileira de Sinais - Libras, registrado nos dicionários de LIBRAS *online*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfica, com ênfase em uma investigação de variantes na LIBRAS, que fora percebido no decorrer da aula do projeto de extensão em LIBRAS da UNIR, Campus de Ariquemes. Pode-se dizer que as variantes sinalizadas pelos surdos e o léxico [TRANÇA], possuem uma perfeita harmonia quanto ao ponto de articulação, o que permite a compreensão do vocábulo, enquanto que as escolhas das configurações de mãos apresentadas pelos alunos e o modo de sinalizar estão condicionados por fatores sociais e culturais que possibilitam novos significados para o sinal trança. Espera-se que o presente estudo desperte o interesse por pesquisas sobre as variações e mudanças linguísticas na Libras e contribua para a valorização da Libras como UMA LÍNGUA NATURAL.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Variantes em LIBRAS; Léxico.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze some linguistic variants of a lexicon of the Brazilian Language of Signs - Libras, registered in LIBRAS online dictionaries. This is a qualitative bibliographical research, with emphasis on an investigation of variants in the LIBRAS, which had been perceived in the discourse of the class of extension project in LIBRAS of UNIR, Campus de Ariquemes. It can be said that the variants signaled by the deaf and the lexicon [TRANÇA], have a perfect harmony of the point of articulation, which allows the understanding of the word, while the choices of the hands configurations presented by the students and the way of signalling are conditioned by social and cultural factors that make possible new meanings for the sign braid. It is hoped that the present study will arouse interest in research on variations and linguistic changes in Libras and will contribute to the appreciation of Libras as a natural language.

KEYWORDS: Linguistic variation; Variants in LIBRAS; Lexicon.

¹Docente, Mestranda em Letras da Universidade Federal de Rondônia- UNIR. E-mail: normalibras@unir.br

²Docente, Doutora em Filologia Inglesa. Universidade Federal de Rondônia- UNIR.



1 introdução

No Brasil, as variações linguísticas transmitem suas riquezas, legados culturais contribuindo para a representação da identidade do povo brasileiro. As variações linguísticas acontecem mediante diversos fatores inerentes a identidade de cada indivíduo e a organização sociocultural de cada comunidade de falantes.

Em se tratando de Língua de Sinais, as variações linguísticas incidem de forma semelhante a Língua oral, o que não poderia ser diferente por se tratar de uma língua natural, que mantém suas especificidades linguísticas, correspondendo assim a dinâmica da língua. Esse fato pode ser percebido no uso de sinais por uma determinada comunidade surda, em que o mesmo sinal é utilizado pelos usuários por diferentes formas de sinalização, confirmando assim a heterogeneidade da língua.

O foco deste estudo volta-se para uma breve análise de algumas variantes linguísticas de um léxico da Língua de sinais _ Libras, sendo esse léxico reconhecido e registrado nos dicionários de LIBRAS online. Como base desse estudo, será tomado o termo, “trança”, como objeto de análise da variação linguística em Libras. Ressaltar-se-á, nesse estudo, uma visão semiótica de sinonímia, que possibilitará a percepção do uso da língua como parte inerente às variações linguísticas e que as implicações das variantes da língua de sinais reflitam positivamente na ampliação do conhecimento linguístico.

Como base teórica, este estudo realiza uma revisão bibliográfica sobre a temática variação linguística, que consiste nos estudos de



(CALVET, 2002), (ALKMIM,2012), (CAMACHO, 2012), que trata das variações linguísticas no contexto social e histórico e outros autores que relacionam as mudanças das palavras de uma língua para a expressão de diferentes signos linguísticos.

Do ponto de vista metodológico, esse trabalho classifica-se como pesquisas qualitativa e exploratória, tendo como ponto inicial uma busca das variantes do léxico “[TRANÇA]”. Quanto ao método de pesquisa de campo partiu-se de uma investigação da utilização de sinais diferentes para um mesmo léxico, que fora percebido no discorrer da aula do projeto de extensão em LIBRAS da UNIR, Campus de Ariquemes.

A percepção para tal investigação e estudo surgiu de forma espontânea, o desenvolver a técnica de contar história para alunos surdos, em que pôde ser identificado a relação com o tema proposto desse artigo. A pesquisa suscitou-se da seguinte forma: inicialmente fora apresentado aos alunos o livro intitulado: “Rapunzel Surda” e, durante as apresentações percebeu-se várias variações linguísticas na realização dos sinais que seguem: [TRANÇA], [RABANETE], [BRUXA], [TORRE] e [PRÍNCIPE]. Desses, selecionamos o sinal [TRANÇA] para análise, devido o número de variantes registrados durante as apresentações. Posteriormente, realizou-se um momento de filmagem e fotos, em que os surdos do curso descreveram a forma como realizavam o sinal [TRANÇA].

Assim, a pesquisa que ora se apresenta, visa compreender o comportamento discursivo dos informantes, os alunos surdos em curso, em relação ao léxico e suas variantes linguísticas apresentadas pelos mesmos;



ressaltando as considerações dos discursos dos surdos a despeito e com respeito à sua língua e cultura.

2 Variação linguística

Recentemente, a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2017), estimou que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil, entre indígenas, de migração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e suas variedades.

A realidade da heterogeneidade, tanto linguística como cultural no Brasil, torna-se um ponto de reflexão básica para um contingente significativo de estudos linguísticos. Os linguistas acordam “com o princípio de que nenhuma língua natural humana é um sistema em si mesmo homogêneo e invariável. Todos os níveis de análise linguística estão sujeitos ao processo de variação” da língua (CAMACHO, 2012, p.62).

Inseridas nesse fenômeno, as línguas passam por mudanças todos os dias e, com o passar do tempo evoluem (CALVET, 2002). Deste modo, indivíduos que participam de uma comunidade linguística, compartilham com os seus membros diversas experiências vividas, logo, esse contato estabelecido com outros indivíduos, resultam em várias semelhanças e diferenças entre o modo como eles falam (CEZARIO; VOTRE, 2015).

Sobre o uso da língua por uma comunidade, Alkmim (2012, p.33,34) descreve esse grupo como “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos



usos linguísticos”. Essas comunidades caracterizam-se pelos diferentes modos de falar, e as esses diferentes modos de falar a sociolinguística conceitua como ‘variação linguística’.

A partir dessa perspectiva, Calvet (2002, p. 79) apresenta essas variações linguísticas como geográficas e sociais. A autora Alkmim, (2012, p. 36,37) afirma que:

A variação geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Esse tipo de variação fica evidente quando se escuta um falante de uma determinada região atribuir nomes diferentes para o mesmo léxico. Ainda que apresente algumas diferenças na fala, a língua permanece com a sua unidade, o que a torna compreensível a todos os utentes (CALVET, 2002).

Assim como nas línguas orais, torna-se importante considerar a crescente mobilidade geográfica das pessoas Surdas e o contato com outras variantes, afim de verificar as ocorrências das variações linguísticas na Libras.

2.1 O léxico e suas variantes na LIBRAS: contexto histórico

Para o estudo das variantes da língua, é importante fazer referência a história da educação dos surdos, que teve como marco histórico e



linguístico a vinda da família real para o Brasil. O empenho de D. Pedro II ao fundar uma escola para surdos, culminou com a vinda do professor surdo francês, Ernest Huet no ano de 1855 para o Brasil. Logo, em 26 de setembro de 1857, foi inaugurado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM), hoje o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos- (INES), localizado no Rio de Janeiro (HONORA, 2014).

No Brasil, Huet atuou como professor de uma comunidade surda que utilizava sinais locais (HARRISON, 2014). Sendo francês, Huet empregava a escrita, o alfabeto manual e a língua de sinais francesa para comunicar com os surdos brasileiros provenientes de diversos estados do Brasil. Logo, o contato linguístico com língua de sinais francesa, gerou interferência e modificações nos sinais que os surdos utilizavam no Brasil, possibilitando assim o aprendizado de diversos sinais nas mais variadas áreas do conhecimento (HONORA, 2014).

Com esse avanço, o Instituto tornou-se referência no ensino no Brasil, e criou mecanismos para difundir os sinais em outras regiões do país. Isso só foi possível quando os alunos finalizavam o curso no Instituto, aproximadamente com a idade de dezoito anos e retornavam para os seus respectivos estados levando consigo uma bagagem dos sinais desenvolvidos no INES e um livro impresso em sinais (desenhos), intitulado: “Iconografia dos Sinais Surdos Mudos”, lançado em 1875 por um aluno do INES (FELIPE; MONTEIRO, 2007, p.360).

Durante vários anos, “a história da língua de sinais sofreu mudanças e foi muitas vezes influenciada por diferentes grupos em diversos momentos e contextos”. Vale ressaltar um fator de grande relevância para o estudo



linguístico da Libras, o processo da oralização, com o intuito de normalizar o surdo e o processo de reconhecimento da LIBRAS, como língua dentro do território nacional (GÓES; CAMPOS, 2014, p.71), sendo oficializada através da Lei nº 10.436/2002.

Nota-se que o histórico da língua de sinais é fonte importante para o estudo e reconhecimento da existência das variações linguísticas, considerando os usuários pertencentes à diversos grupos sociais e os mesmos possuem valores e forma a “produzir sua língua e transformar pelo uso dela” (ALBRES, 2014a, p. 89).

2.2 A variação linguística na LIBRAS

A Libras é uma língua natural, assim como as línguas faladas, mesmo que apresente uma modalidade diferente. Como todas as línguas orais, a Libras passa pelo mesmo processo consecutivo, gradual de variação e mudança linguística, seja por influências internas, ou até mesmo por contato com outras línguas de sinais, e ainda, o contato com surdos que residem em diferentes regiões no Brasil. Desse modo, os surdos criaram uma língua a partir de sua condição não auditiva, “de sua condição essencialmente visual, a partir de seu lugar histórico, de seu modo de olhar” (ALBRES, 2014a, p.89).

A língua portuguesa falada no Brasil é reconhecida por uma unidade que se constitui de diversas variedades. Sendo assim, todos os brasileiros não falam o mesmo português, da mesma forma que a LIBRAS não é



sinalizada do mesmo modo por todos os surdos brasileiros residentes em diversas regiões do Brasil (GESSER, 2010, p.39).

As variações dos sinais na LIBRAS podem ocorrer nos níveis lexicais em diferentes regiões e até mesmo dentro de um mesmo município, a depender da comunidade de surdos presente no local. A língua de sinais “passa de mão e adquire novos sotaques, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens” (GESSER, 2010, p.40, 41). É através das práticas sociais, do uso da linguagem entre surdos que é possível enxergar as variedades linguísticas.

Compreende-se que, mesmo com um número imenso de sinais no Brasil, todos os utentes da LIBRAS conseguem se comunicar uns com os outros e entendem-se bem, apesar de não haver sequer dois que façam sinais do mesmo modo. Essas ocorrências, que são possíveis mediante “o contexto social e histórico, a cultura, faixa etária, o regionalismo, entre outros que são elementos indissociáveis e determinantes no uso da língua” (SANTIAGO, 2014, p.115).

Cabe salientar que, além das pessoas de determinado país terem uma língua, “temos o regionalismo, que é uma maneira diferenciada de cada estado, de cada grupo de pessoas, de cada bairro, cada região mostrar maneiras diferentes de realizarem alguns sinais”. Além disso, a língua de sinais, assim como as línguas orais, são línguas vivas e atualizadas a cada minuto em que um novo sinal é criado, um velho sinal reformulado (HONORA, 2014, p.68).

Mediante as explicitações, as variações linguísticas devem ser vistas como parte inerente da língua de sinais, que vem reforçar a heterogeneidade



e dinamicidade da língua, pois as mesmas difundem-se em cada ambiente sociocultural em que se encontra cada usuário surdo.

2.3 Do léxico para as variantes

Outro ponto a ser notado com relação a língua de sinais e as variações são os artefatos culturais pertencentes ao povo surdo, que são vistos como aspectos caracterizadores da cultura surda; como aquilo que vai além do material, constituindo o sujeito e as formas de ver, perceber e modificar o mundo. Dentre eles destacaremos um dos artefatos fundamentais para que o surdo designe novos sinais, que é a percepção visual (STROBEL, 2008). Ela atua ao receber informações sob a “forma de sinais, imagens, cores, e os transforma em imagens mentais, buscando os significados imediatos que dependem dos aspectos psicolinguísticos e sociais desse sujeito”. Desse modo, o sinal é a união central da compreensão, em que mental e rapidamente formamos uma rede de conexões a outros conceitos ligados a ele (ALBRES, 2014c, p.127).

Nessa perspectiva, existem vários olhares de surdos para um mesmo objeto. “A possibilidade de o sinal da língua de sinais ter sido em sua origem modificada por alguma característica física ou ver a escrita correta do objeto não significa que o sinal e o objeto que ele nomeia formam uma estrutura única” (ALBRES, 2014b, p.85). Neste sentido Quadros e Karnopp (2009, p.32), afirmam que “toda arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo seleciona um traço como característica do sinal, outro grupo pode



selecionar outro traço para identificá-lo”. Essas possibilidades foram encontradas na pesquisa mencionadas no item 3.

Falando sobre a realidade rondoniense, mais especificamente no município de Ariquemes, as variantes do léxico que os surdos empregam, possivelmente foram influenciadas pelas formações continuadas em LIBRAS oferecidas pelo INES (RJ). Inicialmente os professores que atuavam com surdos, interessados em participar dessas formações em Libras, permaneciam por um período de aproximadamente seis meses no INES. Ao retornarem para o seu respectivo município, multiplicavam o aprendizado com surdos e demais professores.

Também, no ano de 2005, a Secretaria de Educação do Estado estabeleceu convênios com o Ministério da Educação - MEC, com o intuito de promover formações para professores ouvintes e surdos na capital do estado de Rondônia. As formações eram ministradas por professores surdos que atuavam no INES ou na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos- FENEIS, instituições localizadas no Rio de Janeiro. Essas formações possibilitavam o aprendizado de novos sinais sendo que o INES teve também a iniciativa de desenvolver um dicionário digital e disponibilizar online e também um CD para todo o Brasil.

Desse trabalho de formações em LIBRAS e dos materiais distribuídos gratuitamente, teve-se uma grande contribuição para o crescimento, enriquecimento da língua de sinais, tendo a possibilidade de diversas variantes na LIBRAS, sendo assim utilizados pelos surdos em Ariquemes. Essas experiências serão apresentadas na sequência.



3 análise dos dados coletados

Nesta seção, apresentaremos algumas variantes do léxico [TRANÇA]. Esses dados foram coletados através de filmagens, comparando o sinal [TRANÇA], registrado no dicionário de Libras online, juntamente com o sinal [TRANÇA], sinalizada por nove surdos graduandos, que residem no município de Ariquemes/RO. Como resultado, identificamos cinco variantes apresentadas abaixo:

3.1 Variações do léxico [TRANÇA] na LIBRAS

O dicionário é uma obra que surge com o objetivo de atender as peculiaridades das coletividades linguísticas. Sendo um instrumento imprescindível, para exemplificar um léxico, logo recorremos ao dicionário digital de LIBRAS e coletamos o seguinte sinal para [TRANÇA].

Figura 01: léxico [TRANÇA]

CM	SINAL	DESCRIÇÃO
 <p>Configuração de Mãos (CMs): são as formas das mãos usadas para sinalizar.</p>		<p>[TRANÇA], realizado com as duas mãos, com a configuração de mão em “R”, palmas para dentro, com as mãos próximo da cabeça, seguido do movimento de mãos no sentido circular na direção vertical de cima para baixo.</p>

Fonte: < <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras>>. Acesso em: 20 nov. 2017.



De acordo com o dicionário de LIBRAS- INES, percebe-se que esse léxico, ao ser realizado com as duas mãos, reproduz as duas tranças que são localizadas em cada lado da cabeça. A configuração de mão em “R”, demonstra o entrelaçar das mechas e o tipo de movimento realizado reflete o passo a passo do entrelaçar das mechas que resultam na finalização das duas tranças. Essa é a forma padrão do léxico, de acordo com a figura 01.

Nas pesquisas realizadas com os surdos, percebemos cinco variantes, apresentadas abaixo nas figuras 02, 03, 04, 05 e 06.

Figura 02: Variante 01 [TRANÇA]

CM	SINAL	DESCRIÇÃO
		<p>[TRANÇA]: realizado com apenas uma mão, configuração de mão em “R”, palma para dentro com a mão paralelo ao pescoço, seguido de um movimento angular em direção vertical de cima para baixo.</p>

Fonte: Elaborada pela autora (SILVA, 2017).

Figura 03: Variante 02 [TRANÇA]



CM	SINAL	DESCRIÇÃO
		<p>[TRANÇA]: realizado com as duas mãos, configuração de mão em “R”, palmas alternadas, (uma para dentro e outra para fora), seguido com movimento de toque na ponta dos dedos, em direção vertical de cima para baixo paralelo ao pescoço.</p>

Fonte: Elaborada pela autora (SILVA, 2017).

Figura 04: Variante 03 [TRANÇA]

CM	SINAL	DESCRIÇÃO
		<p>[TRANÇA]: o sinal realizado com as duas mãos com uma configuração de mão em “A”, com uma palma da mão para a direita e a outra para a esquerda, tocar os dedos polegares e direcionar as palmas das mãos para a frente, seguido de um movimento circular na direção vertical de cima para baixo.</p>

Fonte: Elaborada pela autora (SILVA, 2017).



Figura 05: Variante 04 [TRANÇA]

CM	SINAL	DESCRIÇÃO
		[TRANÇA]: realizado com as duas mãos, com uma configuração de mão em “A”, palmas para dentro paralelo ao ombro e movê-las alternadamente em círculos em direção vertical de cima para baixo.

Fonte: Elaborada pela autora (SILVA, 2017).

Figura 06: Variante 05 [TRANÇA]

CM	SINAL	DESCRIÇÃO
		[TRANÇA]: realizado com as duas mãos, configuração de mão em “D”, palmas alternadas (uma para dentro e outra para fora), as mãos paralelas ao pescoço, seguido de um movimento e toque alternados, com a ponta dos dedos indicadores na direção vertical de cima para baixo.

Fonte: Elaborada pela autora (SILVA, 2017).



Entende-se que nas cinco variantes linguísticas, apresentadas pelos surdos, foram empregadas três categorias de Configurações de Mãos (CMs) diferentes, sendo “R”, “A” e “D”. Em relação ao uso da CM “R”, nas variantes 02 e 03, a CM é semelhante a CM do léxico 01. Porém, as CMs “A” e “D”, presentes nas variantes 04,05 e 06 são díspares da CM no léxico 01. Nota-se que as escolhas das CMs, utilizadas para sinalizarem, contém uma certa proximidade com o léxico e não modificam o sentido para o sinal “TRANÇA”.

No que concerne aos movimentos empregados nas variantes 02 e 03 (movimento angular), variante 04 (toque e movimento circular), variante 05 (movimento circular) e variante 06 (toque e movimento semicircular), observa-se que há semelhanças com o movimento helicoidal do léxico 01. Percebe-se que os movimentos utilizados nas variantes descrevem o entrelaçar das mechas para a construção de uma trança, seguindo uma direção única na posição vertical, não havendo nenhuma mudança do sentido original do sinal “trança”, o que segundo a autora Vilhalva (2009), considera essas possibilidades de variantes como uma variação diatópica fonética.

No que diz respeito ao ponto de articulação, onde é realizado o sinal, as variantes 02, 03, 04, 05 e 06, utilizam o mesmo ponto, próximo à cabeça. Correlacionando com o léxico 01, as variantes apresentam aproximadamente o mesmo ponto de início para a construção de uma trança. Porém, observa-se apenas um ponto de articulação, que é apresentado para todas as variantes, a região próxima da cabeça, mais precisamente na altura



do pescoço, para todas as variantes do léxico em estudo, de modo que não há interferência na compreensão do mesmo.

Ao sinalizarem as variantes de 01 à 06, os surdos confirmaram um conhecimento sobre o porquê do sinal e especificaram o que estava envolvido em cada movimento no uso das CMs escolhidas. O movimento do sinal, ou seja, o entrelaçar dos dedos e o movimento das mãos destacam a forma como as pessoas fazem na prática uma trança. Assim, compreende-se que cada variante sinalizada pelos surdos, reflete uma identidade e cultura do meio social em que vivem.

Quanto ao sentido do léxico apresentado, os surdos estão cientes do registro do sinal [TRANÇA] no dicionário, usam o sinal, mas devido o ambiente social e cultural em que vivem e a interação com surdos oriundos de várias regiões do país para o município de Ariquemes, respeitam as variantes que outros surdos utilizam na comunicação. Porém, permanecem com as suas próprias variedades linguísticas.

O estudo dessas variantes reforça a concepção de que a língua é heterogênea e dinâmica. E, que a mesma é constituída das variações que são articuladas mediante o ambiente sociocultural, onde se situa o falante. Mesmo que o sinal seja sinalizado de forma diferente pelo surdo, ou seja, sofrerem variações na configuração das mãos e/ou no movimento, não modificarão o sentido do sinal, mas resultarão de enriquecimento do vocabulário sinalizado, assim como nas línguas orais.



3.2 Considerações finais

Como pontuamos na introdução, esta pesquisa baseou-se no âmbito dos estudos que tratam de questões ligadas às variações linguísticas na Libras. O corpus da pesquisa consistiu nos sinais que os surdos de Ariquemes utilizam para o léxico [TRANÇA], e comparado com léxico [TRANÇA] registrado no dicionário de Libras online.

Por meio da presente pesquisa, percebemos que as variantes sinalizadas pelos surdos do léxico [TRANÇA], apresentam uma perfeita harmonia no modo de sinalizar, o que evidencia o fato da variação linguística apresentar-se como característica de todas as línguas naturais, independentemente da modalidade em que são manifestadas. Além disso, assim como nas línguas orais, a variação da Libras se mostra subordinada por fatores sociais, culturais que possibilita a ampliação de novas variantes e a possibilidade de expressar-se de diversas formas sem perda nenhuma de conteúdo.

Ressaltamos aqui a relevante contribuição do INES, em formação de professores ouvintes, de surdos e a disponibilização de vários materiais online, que proporcionaram um grande crescimento e desenvolvimento da língua de sinais em Ariquemes. Espera-se que o presente estudo desperte o interesse por mais e mais pesquisas sobre a estrutura da Libras e o mecanismo intrínseco da mesma – Libras, que é variação e mudança linguística. E sirva de contribuição e da valorização da língua de sinais e de acréscimo de conhecimento dos Surdos; Surdo, vistos ainda como minoria linguística e cultural.



4 referências

- ALBRES,N.A. A construção dos sinais e sua mobilidade específica. In: LACERDA,C.B.F.;SANTOS,L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo: EdUFSCar, 2014a. _____ . Comunicação em Libras: para além dos sinais. In: LACERDA,C.B.F.;SANTOS,L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo: EdUFSCar, 2014b. _____ . Estudo léxico da Libras: uma história a ser registrada. In: LACERDA,C.B.F.;SANTOS,L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo: EdUFSCar, 2014c.
- ALKMIM,T.M. Sociolinguística. In Mussalim e Bentes. **Introdução a Linguística: domínios e fronteiras**. Vol.I. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providencias**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 03 nov. 2017.
- CALVET, L. **Sociolinguística: Uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMACHO,R.G. Sociolinguística. In: Mussalim e Bentes. **Introdução a Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. São Paulo: Cortez, 2012.
- CEZARIO,M.M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.



FELIPE, T. A. & MONTEIRO, M. S. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico, livro do professor instrutor**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC:SEESP, 2007.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: São Paulo, Editora Parábola: 2009.

GÓES, A.M.; CAMPOS, L.I.L. Aspectos da gramática da LIBRAS. In: LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

HARRISON, K.M.P. LIBRAS: Apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

HONORA, M. **Inclusão Educacional de Alunos com Surdez concepção e alfabetização: ensino fundamental - 1º ciclo 2014**, São Paulo: Ed. Cortez, 2014.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Dicionário virtual de apoio**: Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/> 3 >. Acesso em: 20 nov. de 2017.

IPHAN- **Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/indl>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.





SANTIAGO, V.A.A. Polissemia na LIBRAS: A significação e o contexto.

In: LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora?**

Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2008.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes:** um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato grosso do Sul. 2009. Dissertação de Mestrado em Linguística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis.

Disponível em:

<http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_GI%C3%A1luciodeCastroJ%C3%BAnior.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2018.

Este texto é de total responsabilidade de seus autores.

